

METODOLOGIAS ALTERNATIVAS E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA

Educación geográfica

Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo, UFCG, Paraíba, Brasil, ivanaldadantas@gmail.com

RESUMO

Apresentamos análises reflexivas acerca do *quefazer* docente na orientação aos educandos da disciplina Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, ministrada no curso de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Paraíba, Brasil, no ano de 2014. Refletimos a respeito de um balanço sobre a organização do trabalho educativo, nas atividades de estágio docente partindo do pressuposto que a sociedade atual perpassa desafios no âmbito da educação do Século XXI, especialmente focando as questões relacionadas ao cotidiano escolar e ao papel do professor na contemporaneidade. Discutimos as noções básicas da organização do Projeto de Estágio Docência para os primeiros contatos com o ambiente escolar, assim como o planejamento participativo pautado nas concepções de uma educação por competência cidadã, mediada pelas metodologias alternativas, no ensino de Geografia, para a viabilização do processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. Consideramos importante o estudo dos componentes do planejamento docente (objetivos, competências e habilidades, conteúdos, avaliação – conceito, função e importância) no âmbito da formação inicial, como uma forma de garantir a excelência nas atividades realizadas no período de regência em sala de aula, assim como a escolha das metodologias apropriadas relacionadas às especificidades dos educandos, propiciando-os a apreensão do saber ensinar/aprender. Como parte da metodologia, os alunos em formação inicial, desenvolvem práticas de ensino sob a forma de planejamento e de elaboração de material didático, com vistas à aplicação no campo de estágio, em diversas modalidades de ensino, considerando-se as experiências vivenciadas no ambiente escolar, por ocasião da realização do Estágio Docência, como uma das formas para dimensionar o saber-fazer docente. Os resultados indicam a necessária orientação aos educandos, à abertura ao diálogo, às trocas de experiências da preparação do projeto de Estágio e, posteriormente, da execução do Estágio Docência, construções essas que promovem o desafio de experimentar a prática educativa docente, crítica, criativa e reflexiva.

Palavras-Chaves: Estágio Docência - Metodologias Alternativas - Ensino de Geografia - Cotidiano escolar.

1. Introdução

A Geografia adotou inicialmente, a postura tradicional ainda presente no ensino, na atualidade nas escolas, fato que culminou na crise vivenciada pela Geografia Escolar, cujo viés tradicional tem como bases o Positivismo pautado numa educação conteudística, de transmissão de conteúdos, também intitulada por Paulo Freire (1995) como Educação Bancária, a qual se vê desprovida da multidimensionalidade que caracteriza a educação e a formação humana.

Nesse sentido, ao longo da evolução da educação, assim como do pensamento geográfico, surge o Movimento de Renovação da Geografia, surgido na década de 1930, com maior ênfase nas décadas de 1970 a 1990, travou debates sobre os questionamentos de bases teórico-metodológica, referentes à Geografia Tradicional, pautada na transmissão de conhecimentos e na negação das realidades dos sujeitos educandos, tomando o professor como o centro do saber, portanto, o domínio da razão.

Nasceram novas tendências da Geografia – Quantitativa, Humanística e Crítica – pautadas cada uma em métodos e metodologias específicas, sendo a Quantitativa pautada em concepções científicas pautadas na mensuração e nas teorias, enquanto a Geografia Humanística de bases marxista, sociológica, fenomenológica e existencialista, pautava-se principalmente nas intersubjetividades humanas; restando à Geografia Crítica o debate apoiado no materialismo histórico dialético, por sua vez desenvolvido a partir de uma crítica reflexiva da realidade com profundas repercussões na evolução do pensamento geográfico e na educação escolar.

Contudo, o Movimento de Renovação não conseguiu sozinha desenvolver uma educação escolar no ensino de geografia que tornassem horizontalizadas as relações de ensino-aprendizagem, pois embora houvessem mudanças nos conteúdos contextualizados com as realidades dos sujeitos, mas a abordagem, a explanação continuou centrada na figura do professor como elemento detentor do saber e o educando como receptor, depósito de conhecimentos transmitidos sem a preocupação com a reflexão e transformação das realidades daqueles.

O evidente desinteresse dos/as educandos/as pelo ensino, em especial o de geografia constituiu-se como um das constatações realizadas durante o Estágio Supervisionado de catorze educandos/as estagiários/as da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II, ministrada no período 2014.2, ofertada pelo curso de Licenciatura em Geografia, Centro de Formação de Professores (CFP), Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Cajazeiras-PB, situado na mesorregião do Sertão Paraibano, Brasil.

Partimos de nossa experiência como educadora e orientadora junto aos/as educandos/as desta Disciplina compreendendo que o ato de educar implica na necessária emancipação e libertação dos sujeitos humanos considerando-se, especialmente sua inserção na construção de conhecimentos e de saberes, pautados nas diversidades que envolvem os educandos e as distintas formações dos educadores.

Como parte do processo de formação profissional de educadores em geografia, situa-se a atividade de Estágio Supervisionado, destinada à observação de ambientes, documentos e procedimentos escolares, assim como dos educandos/as e educadores/as, além da prática docente, por ocasião da realização do Estágio na unidade escolar, momento em que o/a educando/a estagiário/a, futuro/a educador/a de ensino de Geografia, tem a oportunidade de vivenciar experiências docentes, desenvolvendo inicialmente, o Projeto de Estágio, utilizando-se de distintas metodologias, e posteriormente, as atividades docentes, quando ocorre à práxis docente pautada nos conhecimentos adquiridos na Academia e na escola, quando se promove o desenvolvimento das disciplinas de Estágios Supervisionados.

A partir das vivências dos catorze educandos estagiários, cujos estágios se deram em unidades escolares distintas, desenvolveram-se questionários e entrevistas semiestruturadas junto aos/as educandos/as e educadores/as escolares e, a partir desses resultados, construíram-se os projetos de Estágio, donde obtivemos informações das formas como se ensina, para quê, para quem e o quê ensinar em Geografia.

Além da introdução e das considerações o artigo apresenta duas questões: a- Importâncias do Estágio Supervisionado para a Formação Docente; b- A experiência do Estágio Supervisionado na Disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II: da observação à execução; e c- Linguagens e metodologias alternativas para o ensino de Geografia: resultados alcançados.

2.Importâncias do Estágio Supervisionado para a Formação Docente

O Estágio Supervisionado constitui-se como elemento curricular fundamental na formação docente, pois na promoção da relação teoria-prática, este oportuniza outros conhecimentos do campo de trabalho, novos conhecimentos pedagógicos, procedimentos administrativos e de

organização do ambiente escolar, interrelação educandos-educador e vice-versa, educando estagiário e educandos e vice-versa, educador e educando estagiário e, de educandos entre si, relações estas que constituem a formação inicial docente transformando o/a educando/a estagiário/a, ao concluir o curso, num profissional docente, segundo afirma o Parecer nº 21/2001 CNE:

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário.

A execução da disciplina relativa ao Estágio Supervisionado aproxima o discente estagiário do cotidiano escolar, promovendo a percepção dos desafios e limites da profissão docente, quando no ato do estágio ele aprende e ensina na perspectiva do saber fazer, motivando, sensibilizando e obtendo (in) formações e trocas de saberes, na construção do conhecimento. É, portanto, momento em que se conhecendo a realidade, reflete-se e age-se sobre a mesma no sentido da práxis transformadora, capaz de contribuir na formação e no fortalecimento da identidade do/a educando/a. Conforme Barreiro e Gebran (2006, p. 20), o “estágio pode se construir no lócus de reflexão e formação da identidade ao propiciar embates no decorrer das ações vivenciadas pelos alunos, desenvolvidas numa perspectiva reflexiva e crítica, desde que efetivado com essa finalidade”.

O estágio se apresenta como um dos momentos do processo de formação de professores, nos quais o/a licenciando/a adentra a escola para conhecê-la e compreender sua importância, o seu funcionamento e as possíveis dificuldades de um profissional docente. Conforme Melo (2008, p. 87) a escola apresenta-se como um espaço de desenvolvimento da prática por ocasião do estágio, a partir dos saberes docentes construídos na licenciatura.

Quando se fala na relação teoria-prática, entende-se que tanto a instituição formadora quanto a escola que recebe os futuros professores transforma-se em espaços de formação colaborativa. Não uma formação aligeirada, lacunar, mas uma formação que permita aos futuros professores assumirem sua tarefa, bastante complexa, de modo a contribuir, decisivamente, com uma educação mais humana e inclusiva. Ou seja, uma formação capaz de munir os futuros profissionais da educação de ferramental teórico-prático que lhes permita não só analisar, mas compreender o contexto histórico, político, social cultural de que faz parte a atividade docente (*ibidem*).

Como consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Licenciatura em Geografia (UFCG: 2008, p. 2) a prática como estágio supervisionado, do mesmo modo que a prática como componente curricular, além de ser condição para a obtenção da licença para o exercício da docência, “oportuniza a vivência *in loco* e o conhecimento de situações reais diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino”. Segundo o Parecer nº 21/2001 CNE, o estágio configura-se:

Como um tempo de aprendizagem que, através de um período de permanência, alguém se demora em algum lugar ou ofício para aprender a prática do mesmo e depois poder exercer uma profissão ou ofício. Assim o estágio supõe uma relação pedagógica entre alguém que já é um profissional reconhecido em um ambiente institucional de trabalho e um aluno estagiário [...] é o momento de efetivar um processo de ensino/aprendizagem que, tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário.

Segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Plena em Geografia (UFCG, 2008, p. 17), amparado no Parágrafo 3º, Artigo 13, da Resolução CNE/CP 1/2002 (BRASIL, 2002a):

O Estágio Curricular Supervisionado, definido por lei, a ser realizado na escola de Educação Básica, e respeitando o regime de colaboração entre os sistemas de ensino, deve ser desenvolvido a partir do início da segunda metade do Curso e ser avaliado conjuntamente pela escola formadora e escola campo de estágio.

Segundo o Parecer CNE/CP nº 28/2001, o Estágio Supervisionado implica numa relação pedagógica entre um profissional habilitado, o professor da escola, e o/a educando/licenciando num ambiente institucional, a escola, momento em que se realizam as observações do ambiente escolar e de seus sujeitos e, posteriormente, a prática docente para cumprimento da exigência das disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado.

O estágio proporciona ao/a educando/licenciando/a uma aproximação do ambiente em que ele atuará como futuro profissional da educação, visto que este espaço é a escola, dotada de dinamismo e regras próprias. Em geral, os/as educandos/licenciandos/as se deparam com dificuldades para o desenvolvimento do estágio, impossibilitadoras da realização dos objetivos definidos.

Isso vem se tornado cada vez mais complexo pelo fato que a escola da Educação Básica apresenta nenhum ou baixo nível de integração com a universidade, e quando o apresenta, restringe-se em parte, a projetos de extensão e pesquisa ou, à recepção dos/as educandos/licenciandos/as para cumprimento do estágio, que após o seu término, por vezes não recebe o resultado crítico do desenvolvimento das atividades de observação e prática docentes realizadas, constituindo-se a escola como 'palco de ações' do estágio supervisionado.

A participação em distintos eventos acadêmicos externou experiências demonstrativas de que a atividade de estágio restringe-se, por vezes ao mero cumprimento curricular da disciplina nas escolas, não apresentando vínculo de maior solidez com a universidade, tampouco um diálogo entre as demais disciplinas de Estágio.

Outras dificuldades de implementação do estágio é a dificuldade de acompanhamento do/a estagiário/licenciando/a pelo professor de disciplina durante o Estágio, tendo em vista distribuição espacial daquele em unidades da federação diferenciadas, dificultando de tal modo, as condições de deslocamento do professor da disciplina.

Segundo Souza (2013), por vezes o estágio se torna complexo para os estagiários pelo fato que eles têm a dificuldade de reconhecer quais conteúdos terão significância, na noção de desenvolvimento espacial na Educação Básica. Outra dificuldade é a organização dos conhecimentos acadêmicos e sua conexão com a prática quando do exercício profissional docente.

Algumas reflexões são pertinentes durante a execução de uma disciplina de Estágio, desde o planejamento da disciplina para todo o semestre, iniciando-se desde a Academia com a preparação de material bibliográfico referente às questões conceituais e também relativas à metodologia da pesquisa, do estudo e planejamento sobre as metodologias e linguagens a serem utilizadas em sala de aula, as categorias e conceitos que podem ser identificadas a partir das temáticas a serem abordadas, a construção de planos de aula, projetos, dentre outros aspectos.

A chegada à escola é precedida pelo acordo institucional entre a Universidade e a Escola como forma de estabelecerem-se parcerias destinadas ao cumprimento das exigências da Disciplina Estágio Supervisionado, dentre elas, a prática docente. Ao chegar a escola o educando estagiário se depara com a prática docente e com a realidade institucional, *locus* de sua futura atuação. O primeiro instante revela-se no desvelo da instituição escolar, com o processo primeiro de observação e registro, do conhecimento dos documentos e procedimentos institucionais, da rotina e das rupturas dos fixos e fluxos daquele ambiente. Adentrar a sala de aula implica novas observações no micro espaço da escola onde se dá o processo educacional de forma mais intensa entre educando/a e educador/a.

Os primeiros contatos com o/a educador/a promove ao/a educando/a estagiário/a a oportunidade de investigar a respeito da temática a ser abordada durante a aula que será ministrada na ocasião da regência docente; além de poder estabelecer maiores contatos com os/as educandos/as e o professor/a de disciplina, observando-se sua prática docente e refletindo sobre quais as possíveis contribuições da Universidade, através do/a educando/a estagiário/a para a escola e, desta para o educando/a estagiário/a representante, também, da Universidade.

A observação da prática docente traz como possibilidades a reflexão sobre as práticas, das metodologias utilizadas, das formas de avaliação, do planejamento e dos recursos utilizados, traduzindo ao final as impressões a respeito de uma aula significativa e atraente ao/a educando/a ou, desinteressante e descontextualizada de sua realidade.

Aos poucos os/as educandos/as estagiários/as se aproximaram dos professores de disciplinas, cada um em sua escola de realização do estágio, arguindo-os sobre as distintas metodologias e recursos utilizados, assim como as memórias referentes à qualidade do ensino no tempo de sua formação inicial.

É na escola que se pode perceber a necessidade de por em prática a teoria aprendida na Universidade, necessitando, portanto, propor a escola novas metodologias e linguagens de ensino, capazes de instigar a curiosidade dos/as educandos/as, tornando o ambiente agradável e atrativo ao gosto daqueles, situando-os como partícipes e sujeitos do processo de aprendizagem. Portanto, um ensino contextualizado, capaz de compreender suas realidades e especificidades locais.

Conhecidos a escola, os materiais que compõem a pesquisa documental, os sujeitos educandos, o professor/a de disciplina, suas práticas, metodologias e recursos, o/a educando/a estagiário/a retorna ao espaço acadêmico para a reflexão acerca dos resultados primeiros da pesquisa e posterior prática docente, quando da ocasião do Estágio na escola. São esses instrumentos, os quais fornecerão subsídios à prática docente, somando-se às vivências e as reflexões críticas proporcionadas inicialmente entre professor/orientador e o discente e, posteriormente, no espaço escolar quando o discente constrói outros saberes na observação e na vivência com a comunidade escolar, instituindo de tal modo, a práxis transformadora através de alternâncias de saberes em tempos e espaços diferenciados.

O Estágio é, portanto, o momento de construção do processo ensino-aprendizagem, quando teoria e prática são postas *vis-a-vis*, uma subsidiando à outra, sendo a última capaz de fornecer subsídios à reflexão da primeira, pois ambas constituem-se como um núcleo articulador no processo de formação, como resultado de uma práxis transformadora na ação de formação docente e da formação educadora do professor de disciplina junto aos educandos escolares.

São esses momentos de trocas de saberes que dão ao discente estagiário a condição de autonomia e de qualidade da formação na construção da profissionalização docente, segundo afirma Barreiro e Gebran (2006, p. 22),

A articulação da relação teoria e prática é um processo definidor da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, porque lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às contradições vivenciadas.

O Estágio como parte da qualificação inicial docente configura-se como o momento em que é oportunizada a práxis, ou seja, une-se a teoria e a prática pela ação concreta de ministrar aulas para educandos/as e compreendendo-os como sujeitos desta construção.

Para compreensão dos processos e práticas que consubstanciaram a construção de distintos saberes em alternâncias de espaços e tempos diferenciados, durante a execução da Disciplina em análise, Estágio Curricular Supervisionado em Geografia II tomamos como experiência para análise de demonstração de resultados, as vivências de catorze educandos/as matriculados/as.

3.A experiência do Estágio Supervisionado na Disciplina Estágio Supervisionado em Geografia II: da observação à execução

Neste item, apresentamos situações vivenciadas por ocasião da orientação docente junto aos catorze discentes matriculados, os quais desenvolveram suas atividades de estágio em catorze escolas distintas, sendo seis escolas estaduais e oito escolas municipais, distribuídas em municípios de duas Unidades da Federação, quais sejam: Sousa, Cajazeiras, Pombal e Uiraúna, no estado da Paraíba; e Ipaumirim e Barro, no estado do Ceará, situação esta explicada especialmente pela localização da Universidade em área de fronteira, situada entre estes dois estados.

Desde o princípio da atividade de estágio os/as educandos/as estagiários/as foram levados a um processo de ação-reflexão-ação para construção de uma práxis transformadora, partindo de referenciais bibliográficos para a ação docente, considerando primordialmente, tratar-se da formação docente em geografia. O ponto culminante da discussão situa-se no limiar do ensino de geografia, a utilização de novas metodologias e na sua importância para a formação docente e dos sujeitos educandos, tendo como desafio central desenvolver o estágio no ensino de geografia partindo da utilização de metodologias e recursos diferenciados, e aulas e conteúdos significativos, contextualizados com a vida daqueles.

Nessa empreitada, alguns questionamentos são passíveis de análise e reflexão: o que ensinar em geografia? Para quem ensinar? Como ensinar? Para quê ensinar geografia? Por que ensinar geografia? Partindo desses questionamentos o/a educando/a estagiário/a pode verificar no ambiente escolar juntamente com o/a professor/a da sala de aula onde ocorre o estágio, sobre qual a temática será abordada por ocasião do estágio.

Os momentos destinados ao estágio distribuíram-se em geral, em três momentos distintos: o primeiro momento, durante três aulas, quando se desenvolveu a observação da escola, da sala de aula, do professor, dos educandos e a escolha da temática. O segundo momento, a construção do projeto de pesquisa e dos planos de aulas, orientados pelo professor de disciplina e por um monitor; e o terceiro momento, distribuído em cinco aulas realizadas na escola, nas quais o/a educando/a estagiário/a pode executar a prática docente.

No tocante à primeira etapa, os discentes compareceram as escolas para realização do estágio e puderam presenciar situações por vezes, adversas ao que se espera de um ambiente educacional, a exemplo de serem designados para turmas considerados 'indesejáveis' à escola; educandos de comportamentos 'difíceis de convivência' e desenvolvimento comprometido no ato de educar-aprender, o que transpareceu na escrita de alguns educandos/as estagiários/as.

O Projeto de Estágio associado à construção do plano de aula demonstrou a importância dessa atividade curricular, o Estágio, em função de ser aquele um dos primeiros momentos de convivência dos/as educandos/as estagiários/as com a prática docente e de observação na escola. Dos catorze educandos/as estagiários/as, treze demonstraram dificuldades de demonstrar uma linearidade no pensar reflexivo em relação a construção do projeto e dos planos de aula como elementos indispensáveis ao planejamento das aulas a serem executadas, ou seja, não conseguiram inicialmente, estabelecerem uma relação entre o que seria significativo registrar sobre o que foi observado, principalmente pelas dificuldades demonstradas em relação a quais instrumentos metodológicos poderiam ser utilizados em cada situação observada na escola. Por outro lado, também apresentaram dificuldades na construção do planejamento para a docência, especialmente na construção de planos de aulas necessários ao cumprimento da exibição/exposição da temática escolhida, ou seja, estabelecer relações entre o conteúdo, os objetivos, as estratégias metodológicas, as linguagens, os recursos, o tempo necessário e os resultados esperados.

Percebendo-se tais fragilidades ampliamos o acompanhamento diário dos/as educandos/as estagiários/as, orientando-os/as presencialmente e, à distância, via internet, para a construção dos planos de aulas e a execução da regência em sala de aula, culminando em resultados positivos na aprendizagem docente e discente, demonstrando a importância do ato de orientar, assim como da presença do monitor, no atendimento a essas demandas.

Além dos acompanhamentos diários, em média, acompanhamos todos os/as educandos/as estagiários/as por três vezes, lendo e relendo seus escritos, discutindo suas práticas e reflexões, assim como o traçado descrito nos Plano de Aulas, como elementos norteadores do planejamento docente.

Todos os/as educandos/as estagiários/as afirmaram que os professores das salas de aula onde se realizaram os estágios adotavam práticas tradicionais, no que concerne ao uso intensivo e repetitivo do livro didático e, do quadro-de-giz. Nosso propósito foi então, após essas vivências, realizarmos o debate reflexivo sobre novas metodologias e linguagens no ensino de geografia, assim como ressignificar a importância do Estágio Curricular Supervisionado para a formação docente, procurando tornar as aulas, momentos interativos de aprendizagens conectadas às histórias e às realidades dos sujeitos da escola.

Embora tenhamos discutido sobre essas questões, ainda presenciamos nos planos de aulas dos/as educandos/as estagiários/as a repetição de práticas tradicionais adotadas pelos professores das escolas onde estagiaram, como reflexos da educação que também receberam ao longo da vida: uma educação conteudística, mnemônica, marcada pela reprodução e transmissão de conteúdos descolados do chão das realidades dos sujeitos.

Reconstruímos todos os projetos e planos de aulas, a partir das discussões travadas em salas de aula, de modo que aos/as educandos/as estagiários/as foi dada a condição de refletir sobre a conexão entre a observação como momento inicial, à construção do projeto de estágio e dos planos de aula, a execução do estágio em sala de aula, e, finalmente, o registro das observações em relatório de atividades, o qual foi transformado, posteriormente, em artigo científico para incentivo a participação em eventos acadêmicos, culminando na publicação de onze artigos no Encontro Nacional de Licenciaturas (ENALIC), em 2014 e cinco artigos no Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), em 2015.

Dentre as preocupações elencadas em sala de aula, incentivamos aos/as educandos/as estagiários/as, à utilização de novas metodologias e linguagens no ensino de geografia, uma vez que Dentre as preocupações elencadas em sala de aula, incentivamos aos/as educandos/as estagiários/as, à utilização de novas metodologias e linguagens no ensino de geografia, uma vez que elas possibilitam ao ensino e à educação o ressignificado do ensinar-aprender partindo do que é significativo para os sujeitos educandos.

4. Linguagens e metodologias alternativas para o ensino de Geografia: resultados alcançados

Uma prática recorrente na educação, a construção do ensino se deu com o professor transmitindo o conhecimento, e por outro lado, o educando como receptor de informações e conteúdos, por vezes desconectados entre si, além da desconexão com seus saberes e especificidades locais. No caso específico da Geografia, um ensino mnemônico, incapaz de situar o educando no espaço geográfico no qual se insere.

Contrária a essas práticas, no decorrer da disciplina ministrada no ambiente acadêmico, a execução do estágio e a orientação docente pautaram-se, principalmente no planejamento voltado ao ordenamento metodológico e à utilização de novas linguagens no ensino geografia, frente às posturas tradicionais vivenciadas pelos discentes, nas salas de aulas das escolas.

Conforme relatos dos discentes estagiários em seus relatórios e projetos de estágio, o ensino de geografia nas escolas demonstrou-se como uma prática desestimulante, descontextualizada, pois das catorze experiências vivenciadas, afirmam que os educandos apresentam dificuldades de compreensão dos conhecimentos geográficos, além de desconhecerem para que serve a geografia e qual a sua utilidade no cotidiano. Contrária a essa perspectiva posiciona-se Madruga (1999, p. 50):

A tarefa docente consiste em organizar, programar e dar sequência aos conteúdos de forma que o aluno possa realizar uma aprendizagem

significativa, encaixando novos conhecimentos em sua estrutura cognitiva prévia e evitando, portanto, uma aprendizagem baseada apenas na memorização.

Além de debatermos e analisarmos sobre essas questões, também se incentivou aos discentes a utilização de novas metodologias e linguagens para diversificar a abordagem de ensino, contextualizando os conteúdos com a realidade dos educandos, utilizando linguagens capazes de atrair a atenção daqueles e facilitar a aprendizagem, considerando os conteúdos geográficos em sua transdisciplinaridade.

Dentre as linguagens possíveis de serem utilizadas na realização do estágio destacaram-se o uso da charge, da imagem, do vídeo, da música na produção de livros, gráficos, tabelas, utilização de imagens, de paródias, de mapas, de jogos didáticos interativos, dentre outros, todos estes associados à utilização dos textos contidos em livros didáticos, em geral, adotados pela própria escola.



Figura 1: Atividade com mapas e Textos.



Figura 2: Atividades com vídeo.



Figura 3: Atividade com Música, paródia e Instrumento Musical (Pandeiro).



Figura 4: Atividade com Mapa Mental.



Figuras 5 e 6: À esquerda, trabalho com cartaz. Abaixo, atividade com quadro-de-giz expondo conteúdo sobre Bacia Hidrográfica.



PARÓDIA “PAÍS TROPICAL”

Moro num país tropical
De dimensão continental
E bonito por natureza (2x)

Mas que beleza
Lá no Norte o clima é equatorial (equatorial)
Floresta multinacional
Umidade e tempo quente...
Mas no Sul é diferente.

Espere a chuva
O tempo muda lá no subtropical (subtropical)
Esse clima nacional
Chuva frequente e quatro estações bem definidas...
Se no Nordeste fosse eu não reclamaria!

Ó baby, my baby, my baby
Vêm ainda outros climas (pois é)
No Nordeste é semiárido
Tropical de altitude no Sudeste (pois é)
O Centro-oeste é semiúmido
O Litoral: clima chuvoso
Que lugar gostoso!
Por isso eu digo que moro...

(Refrão)

Autor: Professor Izrael - Colégio Estadual do Paraná - Curitiba

Adaptação: Maglandyo da Silva Santos

Conteúdo estruturante: Climas do Brasil

Música: Jorge Bem Jor. PAÍS TROPICAL - **Composição:** Jorge Bem Jor

Figura 7: Paródia da música País Tropical.

Sobre a atividade da Figura 7, o educando estagiário Maglandyo da Silva Santos (2014) afirma que paródia, a música e o pandeiro auxiliaram na compreensão da temática abordada, assim como promoveu maior envolvimento e interesse por parte dos educandos:

Antes de apresentarmos a paródia, falávamos para os alunos acerca dos climas existentes no Brasil, fazendo uma explicação a partir de autores como Mendonça (2007) e Torrezani (2012), este último, autor do livro didático utilizado na escola. Após a exposição teórica apresentamos a. Os educandos logo se animaram em suas cadeiras. Com o uso do computador, uma caixa de som e projetor multimídia apresentou, inicialmente, a música “País Tropical”, composição de Jorge Bem Jor (1969). Alguns poucos alunos conheciam a música, mas repentinamente, todos passaram a cantar o refrão. Depois disso, falamos que tínhamos uma música parecida com esta anterior, mas que falava sobre o assunto da aula (Climas do Brasil) e que eles poderiam aprendê-la, rapidamente. (...)A música já ressoava em toda a sala de aula e se transformou, neste momento, na forma da paródia proposta para melhor compreensão do conteúdo, além de divertir o ambiente escolar

enquanto concluíamos a aula e de envolver emocionalmente os educandos despertando novas ideologias.

A utilização de distintas linguagens e recursos supramencionados promoveu, na Disciplina ministrada, uma melhor compreensão dos conceitos geográficos, especialmente por que os/as educandos/as estagiários/as se preocuparam em demonstrar seus conhecimentos e vivências para a sala de aula, os quais são conhecidos, especialmente a partir da observação e dos questionários e entrevistas desenvolvidos nas turmas.

Considerações

Os resultados dos catorze Estágios Supervisionados realizados demonstraram que o ensino de geografia tem se mostrado nas escolas observadas uma continuidade da tradição de uma educação conteudística, descontextualizada, mnemônica, pautada na transmissão de conhecimentos, cujos resultados se mostram para os educandos como enfadonho e descontextualizado de suas realidades. Essas constatações advêm da pesquisa documental utilizada, das práticas profissionais dos professores das escolas onde ocorreram os estágios, revelando a continuidade do pensamento e das práticas da Geografia Tradicional, pautada principalmente na tendência Positivista e nas práticas tradicionais com ênfase no livro didático e na realização de provas escritas.

O ato de observação e reflexão contidas entre a teoria e a prática, vivenciadas respectivamente na academia e na escola, promoveu uma mudança de postura e no pensar dos/as educandos/as estagiários/as, os quais em geral, também tiveram uma educação conteudística. Reflexos dessas transformações se deram nas metodologias, nos recursos e novas linguagens utilizadas durante a realização do Estágio.

A realização do planejamento das aulas e a execução destas demonstraram resultados positivos frente às práticas tradicionais adotadas pelos professores das escolas, tornando o ensino de geografia uma atividade prazerosa para os educandos escolares, conforme se constatou nos resultados alcançados e nas falas dos educandos.

Segundo os/as educandos/as estagiários/as 56% dos professores também foram motivados a utilização de novas práticas no ensino de geografia, contribuindo ainda mais para a dinamização do cotidiano escolar e a ressignificação dos conteúdos geográficos. Entretanto, 34% dos professores afirmaram que os/as educandos/as estagiários/as estão muito mais preocupados com os resultados da Disciplina Estágio do que com uma inovação no ensino e que aquelas práticas 'inovadoras' só ocorriam por eles/as ainda não serem profissionais da educação, reafirmando uma crítica ao cotidiano do professor e de sua desvalorização enquanto profissional da educação.

Retornando ao espaço universitário, intentamos enquanto professora orientadora na perspectiva de refletir sobre todos os processos que envolvem a prática docente e profissional, situando a escola e a Disciplina Estágio Supervisionado como oportunidades de estabelecer-se o diálogo entre a teoria e a prática, para a construção e exercício da práxis docente, considerando o ensino a partir de práticas contextualizadas com as realidades dos sujeitos educandos, mediadas por linguagens e recursos diferenciados de modo que o ensino torne-se significativo e atraente.

Referência

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. Prática de ensino: elemento articulador da formação do professor. IN: BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. **Parecer CNE/CP 009/2001**. Brasília, DF, maio de 2001.

_____. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CP 21/2001.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996: Nova LDB (lei nº 9394)**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

_____. **Resolução CNE/CP n.01, de 18/02/2002**. 2002a.

_____. **Resolução CNE/CP n.02, de 19/02/2002**. 2002b.

BURIOLLA, Marta A. F. **O estágio supervisionado**. São Paulo: Cortez, 2001.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A formação de Professores e o Ensino de Geografia. In: **Revista Terra Livre 13**. Julho de 1999.

FAVERO, Maria de Lurdes. Universidade e Estágio Curricular: Subsídios para discussão. IN: ALVES, Nilda (org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, Livia de. **Estudo metodológico e cognitivo do mapa**. Tese de livre-docência. Rio Claro: IGGE/ UNESP, 1997.

PONTUSCHKA, Nidia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa**. 4. Ed- São Paulo: Contexto, 2012.

ULHÔA et al. A educação cartográfica e o papel do professor de Geografia & saberes necessários à formação do aluno em Geografia. In: **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

MARTINS, Dadá. **Desvendando a paisagem. Discutindo Geografia**. São Paulo, ano III, n.14, pp. 56-58, São Paulo, s/d. Páginas consultadas <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/tem-muitas-historias-brasil-telas-tarsila-424884.shtml>> consultada em 2 de agosto de 2009<<http://www.culturabrasil.pro.br/portinari.htm>> consultada em 2 de agosto de 2009.

MOREIRA, Igor. **O Espaço Geográfico: Geografia Geral e do Brasil**. São Paulo, Ática, 1998.

SOUZA, Vanilton Camilo de. **O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores**. Goiânia: IESA/ UFG, 2009. Tese de Doutorado. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Goiás.

UFCG. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia**. UFCG, Cajazeiras: 2008.